

## OS XERENTE AKWÉN, OS ANIMAIS E AS PLANTAS: UMA REVISITA AOS INALIENÁVEIS COM A SEMÂNTICA DA GRAMÁTICA<sup>1</sup>

SILVIA LUCIA BIGONJAL BRAGGIO\*

---

“[...] naquele mundo [indígena] regido por espíritos – cada árvore, cada animal, tem um espírito regente –, se não houver pajés, que fazem a intermediação entre ele e o cotidiano, a cultura tradicional desaparecerá, pois todos os cantos, as danças, os rituais e modos de viver são relacionados com espíritos. O número de pajés em cada aldeia já diminuiu drasticamente. Há aldeias já ameaçadas de ficar sem nenhum.”

*Washington Novaes.*

Entrevista: Rede de Tecnologia Social<sup>2</sup>

### RESUMO

Depois de muitos anos trabalhando com os Xerente Akwén, povo indígena da família linguística Jê e observando o modo como esse povo classifica-se a si mesmo e também a fauna e a flora, decidi tratar das propriedades dos inalienáveis, as quais, em meu ponto de vista, ligam os Akwén à fauna e à flora, em uma categoria sobreposta às demais classificações da língua. Para tanto, utilizo a teoria da etnossintaxe ou semântica da gramática, baseada em uma revisita de vários estudiosos aos escritos de Sapir e Whorf, em uma versão relativista denominada “narrow”, ou “fraca”, não determinista como anteriormente eram considerados os estudos de Sapir e Whorf. Foram utilizados vários dados coletados ao longo de meu trabalho, a partir dos quais elaborei um questionário específico que foi aplicado ao meu pesquisador auxiliar, Sisdaze Akwén, na faixa da geração considerada mais velha (acima de 40 anos). Os dados descritos e analisados mostram as diferentes formas de classificação dessa língua, diversas das ocidentais, as quais, seguramente, podem contribuir para a ciência da linguagem, para os povos de etnias diversas e para a sistematização das classificações singulares que elas elaboram e, conseqüentemente, para a educação escolar indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnossintaxe, xerente akwén, propriedades inalienáveis.

---

\* Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. E-mail: silvialbb@terra.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1980 alguns linguistas vêm revisitando as concepções de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf de forma a elaborar uma visão mais limitada (*narrow*) e não tão ampla ou determinista (*broad*) sobre o que se entende por relativismo linguístico, ou seja, a relação entre a gramática de uma língua e seu significado sociocultural, já que se assume que atualizadas na língua estão as estruturas sociais utilizadas pelos falantes, ou seja, as organizações socioculturais das comunidades de fala. A atualização da gramática na língua por meio da semântica pode-se dar nos diversos eventos de fala, em que marcadores e elementos discursivos, relações de parentesco, concepção de tempo-espaço, falas masculina e feminina, empréstimos, *codeswitchings* etc., enfim, toda uma gama de aspectos socioculturais/linguísticos podem ser tratados dentro do que vem sendo chamado de “etnossintaxe”. Por etnossintaxe entende-se, “o estudo das conexões entre o conhecimento cultural, atitudes, e práticas dos falantes, e os recursos morfossintáticos que empregam na fala” (ENFIELD, 2004, p. 3).

O que me instigou a elaborar este artigo, foi a minha observação da maneira como os Xerente Akwén, povo indígena do Tocantins, com o qual venho trabalhando há vários anos, classificam o que deve e pode ser possuído em comum por eles, pelos animais e pelas plantas, ou seja, os chamados termos inalienáveis. Por nem tudo ser comum a todos eles e se manifestar gramaticalmente de formas distintas, pretendo investigar o que leva esse povo à classificação dos inalienáveis, na tentativa de lançar alguma luz sobre como eles se categorizam e categorizam os animais e as plantas a partir de seu universo sociocultural, como já se sabe, pelos estudos etnossintáticos, bastante diversos em cada etnia e, principalmente, das classificações já por nós conhecidas. Essas classificações são discutidas a partir do que a língua xerente akwén nos revela sobre elas, marcadas, evidentemente, na língua. Além dos materiais já coletados sobre essa língua, elaborei, a partir deles, um questionário específico para esta questão que foi aplicado, em princípio, ao meu pesquisador auxiliar, membro da geração mais velha (de 40 anos em diante). Os resultados obtidos são analisados tendo como base a etnossintaxe (ou a semântica da gramática) e têm o intuito não só de desvelar classificações diferentes das por nós já conhecidas, mas

também de contribuir para a etnossintaxe como forma de análise de dados de línguas indígenas e para os educadores das escolas indígenas.

## 2 RECORTE DO CENÁRIO TEÓRICO: PASSADO E PRESENTE

A fim de situar o enfoque de meu trabalho dentro da semântica da gramática faço um recorte que traz à luz as teorias fundantes e as atuais. O cenário dos estudos da linguagem, da antropologia e da psicologia nos Estados Unidos, no período que vai por volta de 1920 até o final da década de 1960, é deveras significativo para os estudos atuais de uma língua indígena, por suas interfaces entre a linguística, a antropologia e a psicologia. Conviviam nessa época diferentes abordagens teóricas que tiveram significativo impacto nos estudos das línguas indígenas, anteriores e recentes. Na linguística, duas fortes abordagens, com concepções bastante diversas, coexistiam no mesmo cenário, representadas por autores reconhecidos pela sua competência em suas respectivas áreas. De um lado, Leonard Bloomfield (estruturalismo norte-americano) e de outro, Edward Sapir e Benjamin Whorf (relativistas). Na antropologia, Franz Boas era um dos principais expoentes. Na psicologia, o behaviorista Skinner. Bloomfield adotou várias concepções de Skinner. Sapir e Whorf tinham significativa afinidade com Boas. A psicologia cognitiva norte-americana teve um aparecimento mais tardio, basicamente a partir do suíço Jean Piaget e da linguística cognitiva representada, sobretudo, por George Lakoff (1987). Resumindo drasticamente o cenário que queremos apresentar, não por acaso escolhemos estes autores, os quais, em vista de suas concepções sobre seus sujeitos e objetos de estudo, obviamente fazem questões e apresentam, nos seus trabalhos, propostas diversas sobre língua, sobre cultura, sobre o falante, sobre o foco de análise, sobre a metodologia, enfim, sobre todos os aspectos que constituem um dado paradigma. Em meados dos anos 1950, uma abordagem muito forte começa a tomar corpo, a da linguística gerativa. Em 1957, Noam Chomsky lança *Syntactic structures*, que tem um impacto muito grande tanto na linguística, na antropologia e na psicologia, quanto no “surgimento” e reconhecimento de outras áreas da linguística como a sociolinguística e a psicolinguística com teorias e metodologias próprias. Expoentes

da linguística antropológica, com uma abordagem diversa da de Chomsky, como Dell Hymes e John Gumperz (HYMES, 1974; GUMPERZ e HYMES, 1986), lançam os fundamentos da etnografia e da etnografia da comunicação e das comunidades de fala/discurso, respectivamente, que foram e ainda são extensamente usadas não só nos EUA, como em muitas partes do mundo. Hymes e Gumperz são hoje considerados também como fundadores de uma forma diversa de concepção, coleta de dados e análise das línguas em contextos situacionais e falantes diversos (cf. especialmente os hoje clássicos de Giglioli (1972) e Blount (1974)). Contudo, como os pressupostos teóricos de Chomsky tiveram impacto bastante poderosos e divergiam não só dos bloomfieldianos behavioristas e pós-bloomfieldianos, como também dos relativistas Sapir e Whorf, houve um certo apagamento destes dois últimos autores, que são os que oferecem fundamentos ao trabalho de outros autores que os vêm revisitando e que dão origem aos objetivos deste artigo: uma visita aos inalienáveis da língua indígena xerente akwén. No momento atual a teoria gerativa, a teoria funcionalista e a teoria cognitiva (todas nas suas diversas abordagens) ocupam um lugar de proeminência nos estudos das línguas do mundo. É a partir do final dos anos de 1980 que começam a surgir revisitas aos trabalhos de Sapir e de Whorf, agora em uma versão *fraca* e não *forte/determinista*, como foi rotulada, capaz de explicar fenômenos linguísticos intrínsecos à cultura e, portanto, à sociedade de um povo, sua língua e seu pensamento. Passo então a discutir os pressupostos da etnossintaxe, focalizando minha preocupação justamente naqueles temas das línguas indígenas que podem ser vistos a partir do enfoque da etnossintaxe.

O desenvolvimento do pensamento de Sapir e Whorf sobre o que é uma língua foi não só influenciado por Boas, mas também pelos europeus Charles Bally, Claude Lévi-Strauss e Jean Piaget entre outros (HOIJER, 1974, p. 121). Mas no cenário norte-americano, certamente Boas deu suporte ao pensamento de ambos. As afirmações de Boas e Sapir mostram esta conexão.

O que Boas (1974) afirmava em 1911 era não só o que entendia sobre língua e cultura, como também a necessidade de estudá-las dadas as suas diferenças:

a língua parece ser um dos campos mais instrutivos em uma investigação da formação das ideias étnicas fundamentais...[pois] as categorias que são formadas sempre permanecem inconscientes [para os falantes] [...] as características peculiares das línguas estão claramente refletidas nas visões e costumes dos povos do mundo. (BOAS, 1974, p. 70)

Essa afirmação deixa claro que Boas não só reconhece as peculiaridades das diferentes línguas, principalmente das línguas indígenas norte-americanas, como defende que sejam estudadas.

Sapir, considerado um dos mais importantes linguistas norte-americanos do século XX, na esteira de Boas, assume que a cultura, por meio da linguagem, afeta a forma como pensamos, principalmente através das nossas experiências no mundo. Resumir o pensamento de Sapir sobre o que ele entende por língua é uma tarefa difícil. Antes de apresentar um excerto do seu pensamento, na tentativa de captá-lo, indicamos que a relação de Sapir com Boas está justamente no fato de estes autores estarem vividamente interessados nas línguas indígenas norte-americanas. Já em 1929, Sapir escrevia:

A língua(gem) é um guia “da realidade social” [...] ela condiciona tudo o que pensamos sobre os processos e problemas sociais [...] Nem mesmo duas línguas são exatamente semelhantes para serem consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos nos quais diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não meramente o mesmo mundo com diferentes rótulos. (SAPIR, 1949, p. 207; aspas do autor)

Se tomada a afirmação ao pé da letra, ignorando todos os outros escritos de Sapir, a cultura determina o pensamento por meio da língua(gem), não havendo limites para a diversidade linguística. Whorf (1974, p. 67), discípulo de Sapir, seguindo a tendência deste, afirma que “os seres humanos não vivem no mundo objetivo por si só, nem somente no mundo da atividade social [...] mas estão fortemente à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão para sua sociedade”.

Esta e outras afirmações de Whorf, principalmente a que faz em relação aos Hopi (indígenas do sudoeste norte-americano) assumindo que este povo não possuía a mesma concepção de tempo

[presente-passado-futuro etc.] que os europeus e que, portanto, a língua determinaria o pensamento, causam certo desconforto por ele não ter apresentado dados suficientes para as suas afirmações e por ter desconsiderado o modo do verbo. Dessa forma, a Hipótese Sapir-Whorf, elaborada a partir das afirmações desses autores, é tomada como determinista, ou seja, na sua versão forte. Todavia, Lyons (1981) argumenta que seria possível postular por uma versão fraca, “narrow”, ao falar das estruturas gramaticais (e não somente lexicais). Dentro desta versão, o autor afirma que “a estrutura da língua de um indivíduo influencia a percepção e a lembrança. E isto não deve ser esquecido” (LYONS, 1981, p. 278).

À medida que a linguística, a antropologia e as ciências cognitivas se desenvolvem na segunda metade do século XX, uma releitura da hipótese de Sapir-Whorf é possibilitada (Gumperz e Levinson, 1999). Segundo Enfield (2004, p. 5) o termo “etnossintaxe” foi cunhado por Wierzbicka em 1979, no sentido estrito, já que ela assume que “que toda língua traz em sua estrutura *uma certa* visão de mundo, *uma certa* filosofia [...] *certos* significados específicos da língua e modos de pensamento” (p. 5, grifos meus). Ou seja, a cultura e a língua têm importância para a forma como pensamos, mas não totalmente. Ao cunhar o termo “etnossintaxe” a autora afirma que este termo refere-se à codificação direta das ideias culturais na semântica da morfossintaxe; portanto já na versão “narrow”. Na verdade, nem só a cultura se manifesta na língua e, por fim, no pensamento, mas há uma recíproca do pensamento do homem sobre a cultura e, portanto, sobre a língua. Homem e ambiente são reciprocamente responsáveis, atribuindo-se à cognição humana também um papel preponderante em vista de aspectos cognitivos comuns em todos os seres humanos, mas apontando-se a importância do contexto sociocultural no desenvolvimento humano. Neste sentido, “as diferenças interpretativas estão enraizadas tanto nos usos das línguas como em sua estrutura” (LEVINSON e GUMPERZ, 1996, p. 3). E, por conseguinte, língua e cultura estão intrinsecamente relacionadas.

Wierzbicka (1997), em seu trabalho com palavras do léxico inglês, russo, japonês, polonês e alemão (friendship, freedom, liberty etc. nessas línguas) assim como em construções gramaticais por ela descritas e analisadas, dá força a uma profícua e importante discussão

entre linguistas na forma de revisitas ao relativismo linguístico, que vêm sendo feitas, na versão *narrow*, trazendo à luz estudos fascinantes. Linguistas trabalhando com línguas indígenas e com outras línguas não indígenas têm dado importante contribuição à etnossintaxe ou semântica da gramática. Todos os autores listados a seguir discutem os artigos de Sapir e Whorf e apresentam seus trabalhos na versão *narrow*: N. J. Enfield, Cliff Goddard, John Newman, Andrew Pawley, Alan Rumsey, Jane Simpson (in ENFIELD, 2004); John Lucy, Joh J. Gumperz, Stephen Levinson, Melissa Bowerman, Elinor Ochs, Elsa Gomez-Imbert (in GUMPERZ e LEVINSON, 1999). Estes são muitos dos autores que vêm trabalhando nessa abordagem, por tanto tempo deixada na obscuridade em vista de sua versão considerada determinista. Muitos destes estudos tiveram grande impacto na elaboração deste meu artigo, mas na impossibilidade de descrevê-los todos, abstenho-me de comentá-los.

### 3 OBJETIVOS

Tradicionalmente, a categoria de posse é descrita a partir da relação que o possuído mantém com o possuidor. Trata-se uma relação que envolve um nome possuído como núcleo e um possuidor como modificador ou dependente desse núcleo. Essa relação tem sido descrita ora como relação alienável, ora como inalienável. Conforme Nichols (1988, p. 568), do ponto de vista semântico, “a *posse alienável* é direito de propriedade adquirido social e economicamente”, enquanto “a *posse inalienável* é inata, inerente, não adquirida. Todavia, a noção de *inalienabilidade* não é semanticamente uniforme, mas varia de língua para língua (certos objetos considerados inalienáveis em uma cultura não o são em outra)”.

Em vista do exposto nas seções 1 e 2, minha principal questão de pesquisa é a de tentar entender o porquê de os Xerente Akwén atribuírem aos animais e às plantas o caráter inalienável, pois, em princípio, somente a eles cabe a função de possuidores, por meio do uso dos pronomes possessivos. São eles que, em sua reflexão, em sua visão de mundo, atribuem uma classificação singular aos animais e plantas. Eles nomeiam e classificam o que entendem terem algum aspecto semelhante, mas não igual, a eles. Eles são primeiramente os Akwén, o

povo, a gente. O povo/gente é uma categoria única. Podemos considerar que se são os Akwén que classificam, em termos semântico-gramaticais, os animais e as plantas como sendo possuidores de algumas propriedades semelhantes a eles, pode-se considerá-los com uma subclasse de uma classe maior, marcados por meio dos inalienáveis.

Portanto, como eles concebem os animais e as plantas, como atribuem a eles, determinadas características, o que os leva a classificá-los dentro dos inalienáveis? Essa pergunta crucial não pretende, obviamente, esgotar o assunto neste artigo. Mas, pretende olhar o fenômeno a partir dos fundamentos da semântica da gramática, na versão *narrow*, ou seja, aquela em que se pressupõe haver uma dialética de mão dupla: do povo para o ambiente e do ambiente para o povo,<sup>3</sup> já que a língua e a cultura estão em permanente movimento e transformação, assim como o ambiente. Assim, passo a descrever e exemplificar os resultados obtidos com a análise dos dados.

#### 4 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Não é novidade para os que trabalham com línguas indígenas que os inalienáveis referem-se às partes do corpo e aos termos de parentesco. Além desses, ocorrem no Xerente Akwén como inalienáveis os que podem ser classificados, provisoriamente, em sons e sentimentos. Para os inalienáveis Akwén, os pronomes possessivos são utilizados para indicar o possuidor. Assim, a posse dos inalienáveis em nomes com o traço [+humano], adotado para este texto, se dá prefixalmente, ou seja, o item de quem possui fica à esquerda e o item possuído à direita.

4.1 Exemplos em que o possuidor é indicado por um pronome ou por um Akwén: partes do corpo, qualitativos, voz (palavra, canto). Nesses casos o possuído é necessariamente precedido pelo pronome, ou quando se refere a um indivíduo específico o seu nome forma um composto com o valor de genitivo em que o possuidor aparece no lugar do pronome, mas sem ligação com o verbo “ter”. Estes compostos são encontrados nos exemplos sobre animais e plantas quando o possuidor também pode ser um indivíduo, como se vê no item 4.2:

POSSUIDOR/AKWÉN + PARTE DO CORPO/QUALITATIVO/VOZ/SENTIMENTO		
1.	ĩ=kra	Meu.filho.
2.	da=he=waku	dela peito leite Leite materno (da mãe Akwén).
3.	ĩ=bdu	Meu pescoço.
4.	totahã=bdu	Dele pescoço Pescoço dele.
5.	ĩ=hi	Minha pele.
6.	totahã=hi	Pele dele.
7.	ĩ=pra=hi	Minha pé pele Minha pele do pé.
8.	ĩ=di	Minha barriga.
Ou, como no exemplo:		
9.	Sisdaze=predu	Sisdaze adulto (ainda não é velho)
10.	Sibaka=predu	Sibaka adulta (ainda não é velha)
11.	Wa=zakru	Nossa aldeia.
12.	sisdaze=zakru	Sisdaze aldeia Aldeia do Sisdaze.
13.	ĩ=wanrô	Minha veia.
14.	Sisdaze=wanrô	Veia do Sisdaze.
15.	da=zdaku	Dele baba (líquido que escorre pela boca) Baba dele (de alguém).
16.	da=zdabu	Dele barba Barba dele.
17.	hewaka=zdabu	hewaka barba Barba do Hewaka.
18.	Tudo que sai da boca (conforme informação de Noemi Akwén)	
19.	wanôrĩ=mrmẽ=ze	
20.	Nossa voz nominal Nossa voz.	
21.	da=mrmẽ=ze	dele língua/idioma Língua dele.
22.	da=mrmẽ	dele voz Voz (palavra) dele.
23.	ĩ=waĩku	minha berne/verme Minha berne (berne no meu corpo).
24.	sisdaze=ĩ=waĩku	Sisdaze minha berne Berne do Sisdaze.
25.	tahã=sdawahi	dele lábio Lábio dele.

(continua)

26.	da=zdawa	dele boca	Boca dele.
27.	Hewaka <sup>4</sup> =zdawa	Hewaka boca	Boca do Hewaka.
28.	da=krã	dele cabeça	Cabeça dele.
29.	hewaka=krã	Hewaka cabeça	Cabeça do Hewaka.
30.	da=zahi	dele cabelo	Cabelo dele.
31.	da=nôkre	dele canto (música)	Canto dele.
32.	ĩ=ni	minha carne	Minha carne (do meu corpo).
33.	da=pkê	dele coração	Coração dele.
34.	ĩ=pkê		Meu coração.
36.	ĩ=di=seki	Minha barriga dor	Dor de barriga.
37.	da=hepku	dele ferida	Ferida dele.
38.	ĩ=hepku		Minha ferida.
39.	ĩ=pra		Meu pé.
40.	Sisdaze=pra	Sisdaze pé	Pé do Sisdaze.
41.	da=pahi	dele medo	Medo dele.
42.	da=pra=kwakre	dele pé rastro (do humano)	Rastro dele (de alguém humano).
43.	ĩ=pra=kwakre	meu pé rastro	Meu rastro.

## 4.2 Animais e plantas

No caso dos animais e plantas, já que estes, obviamente, não utilizam os possessivos com primeiro elemento, a forma possuída tem que vir sempre acompanhada do possuidor: Diferentemente dos nomes com traço [+ humano], os nomes [-humanos], adotados neste texto, antecedem o possuído (possuidor + possuído). Os possuídos não podem aparecer no inventário lexical sem uma marca que os antecede, como em =kre.

44.	sika=kre	galinha ovo	Ovo da galinha.
-----	----------	-------------	-----------------

O ovo sempre pertence ao animal que o bota.  
Quando alguém tem ovos:

45. sisdaze sika=kre. Os ovos de galinha de Sisdaze.

Ou seja, para Sisdaze falar sobre ovo ele tem que usar o termo “galinha” que é a possuidora do ovo, ou de qualquer outro animal que bote ovos.

(Sisdaze (galinha) ovo)

Possuidor + possuído		
46. kti=kmō=kra=re	cl <sup>5</sup> boi filho dimin <sup>6</sup>	Filhote (do boi). bezerrinho
47. kti=kmō=he=waku	cl vaca peito leite	Leite de vaca.
48. sika=bdu	galinha pescoço	Pescoço da galinha.
49. tpe=hi	peixe pele (couro)	Pele (couro) do peixe.
50. sika=kre=hi	galinha=ovo=pele/ casca	Pele (casca) do ovo.
51. kupa=hi	mandioca pele/casca	Pele (casca) da mandioca.
52. kti=kmō=di	cl boi barriga	Barriga do boi.
53. kti=kmō=prēdu	cl boi adulto (não velho).	Boi adulto.
54. wde=prēdu (genérico, árvore em geral)	árvore adulta (não velha)	Árvore adulta.
55. wde=wanrō (genérico, qualquer árvore)	árvore veio (a)	Veio (a) da árvore.
56. kti=kmō=wanrō	cl boi veia	Veia do boi.
57. sika=pahi	galinha asa	Asa da galinha.
58. arbō=pahi	morcego asa	Asa do morcego.
59. pirkō=pahi	borboleta asa	Asa da borboleta.
60. sire=pahi	passarinho asa	Asa do passarinho.
61. kti=kmō=zdaku	cl boi baba	Baba do boi.
62. wapsã=zdaku	cachorro baba	Baba do cachorro.
(tudo que sai da boca: sons)		
63. sikakrerenōrī=siwasu (genérico; pois todos os galos cantam)	galos canto	Canto dos galos (têm voz própria, uma voz).

(continua)

64.	sirenōri=siwazu	pássaros cantam (têm voz própria, uma voz)	Canto dos pássaros (todos os pássaros cantam). <sup>7</sup>
65.	sipri=nōkre	abelha (específica) canto (cada abelha tem um tipo de canto ou zumbido, som)	Canto da abelha.
66.	waikwa=kwa=pe=siwazu	cl dente bom (som/ voz) Piranha som	Som da piranha. <sup>8</sup>
67.	kti=kmō=sdawahī	cl boi (lábio, beicho)	Lábio (beicho) do boi.
68.	rōm=nīrnā=sdawahī	cl flor (pétala)	Lábio (pétala, a parte de cima) da flor.
69.	kti=kmō=waīku	cl boi berne	Berne do boi.
70.	wapsā=waīku	cachorro berne	Berne do cachorro.
71.	wde=krēpō=waīku <sup>9</sup>	cl manga bicho	Bicho da manga.
72.	krō=zdawa	macaco boca	Boca do macaco.
73.	wde=nīsdū=zdawa	cl tronco boca/buraco	Boca /buraco do tronco da árvore.
74.	kwaka=nrōwa	marimbondo casa	Casa do marimbondo.
75.	sire=zasi	passarinho casa/ ninho	Ninho do passarinho.
76.	sika=zasi	galinha casa	Ninho (casa) da galinha.
77.	sika=krā	galinha cabeça	Cabeça da galinha.
78.	wde=krā	árvore cabeça	Alto/ponta da árvore.
79.	patere=zahi	gato pelo	Pelo do gato.
80.	nōzi=zahi	milho cabelo	Cabelo do milho.
81.	krō=ni	macaco carne	Carne do macaco (do próprio macaco).
82.	pizu=ni	buriti carne (polpa)	Carne (polpa) do buriti.
83.	kti=kmō=pkē	cl boi coração	Coração do boi.
84.	kti=kmō=di=seki	cl boi barriga dor	Dor de barriga do boi.
85.	wde=seki	árvore dor	Dor da árvore (quando é cortada).
86.	krō=hepku	macaco ferida	Ferida do macaco.
87.	wde=hepku (genérico)	árvore ferida	Ferida da árvore.

(continua)

88.	wapsã=pra	cachorro pata	Pata do cachorro.
89.	wapsã=kra=re	cachorro filho dim	Filhotinho (do cachorro).
90.	wapsã=pahidi	cachorro medo	Medo do cachorro (do próprio cachorro).
91.	huku=pra=krakɛ	onça pé rastro	Rastro da onça.

#### 4.3 Um tema à parte: o mundo espiritual

Em vista do exposto pode-se afirmar que os Xerente Akwén concebem a si mesmos em uma relação intrínseca com o ambiente e os elementos que os constituem e são constituídos por eles: o cultural, o social e o espiritual. Neste artigo não trato deste último item pela complexidade que ele apresenta e por eu não ter ainda dados suficientes para descrevê-lo e analisá-lo. Todavia, a forma como os Xerente Akwén nomeiam suas crianças, como enterram seus mortos, a pajelança e as narrativas de origem, mostram claramente a interconexão que estabelecem com o que se pode chamar de mundo espiritual.<sup>10</sup> Como se trata de um tema que deve ser mais bem explorado, incluindo as narrativas mitológicas, analiso-o em artigo posterior. Sua importância é fundamental, como afirma Washington Novaes em entrevista à Agência Brasil:

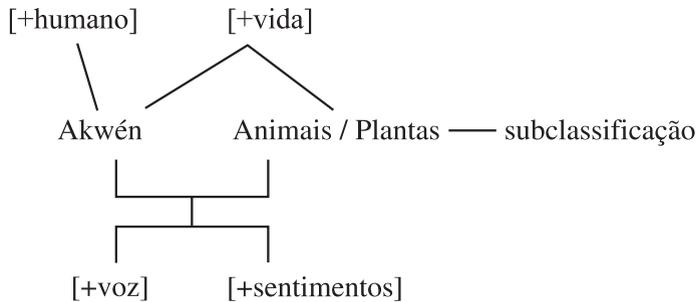
No mundo dos índios a questão do espiritual é decisiva, esse lado é profundamente ligado ao cotidiano, porque tudo tem um espírito que é dono. Se o culto aos espíritos não acontece a vida social começa a perder sentido. Além disso, os jovens não querem ser pajés, que é um caminho cheio de sacrifícios e de perigos, um longo processo. Os Waurá, que em 1984 tinham 13 pajés, hoje têm três; os Kuikuro tinham mais de dez e hoje têm cinco. Os Yawalapiti só têm Sapaim, que está com mais de 70 anos. Já há discussão entre os Waurá sobre um curso para isso. Mas no caminho tradicional o pajé não escolhe, é escolhido. Pode ser por meio de uma picada de cobra, de um rodaminho que entra na casa, ou de uma doença, ou nascer enrolado no cordão umbilical.

## 5 UMA ANÁLISE INICIAL NA SEMÂNTICA DA GRAMÁTICA

Ao observar os exemplos posso concluir, tentativamente, respondendo à questão por mim levantada, que por meio da semântica da gramática é possível verificar que o traço [+vida],<sup>11</sup> adotado neste texto, é essencial na classificação que os Xerente Akwén atribuem aos animais e às plantas. Esse traço sinaliza uma diferença relevante para as descrições de línguas não indo-europeias, uma vez que, normalmente, nas descrições de línguas indo-europeias, os traços [+animado] e [-animado] são empregados para diferenciar os “reinos” animais, vegetais e minerais. Em Xerente, os traços [+vida] e [-vida] efetuam a diferença entre seres/entidades que são vistos como possuidores de vida, de outros elementos que não são concebidos dessa forma. Para os Akwén seres que têm vida [+vida] se distinguem, por exemplo, de uma panela, de uma bacia, de uma pedra, de um guarda-chuva, de um brinquedo de plástico [-vida], que são, portanto, destituídos de vida. A maneira como os Xerente Akwén entendem o que é vivo os leva a classificar as árvores e as plantas dentro de seu próprio universo de classificação, por meio do significado/semântica daqueles em relação a eles próprios. Animais e plantas têm vida, mas “gente/povo” é denominação só atribuída a eles próprios os [+humanos]. Há que se considerar também que animais e plantas entram em outras classificações específicas de cada espécie. Todavia, não possuímos uma tipologia classificatória completa dos Xerente Akwén, pois ainda há lacunas a serem preenchidas, embora muitos esforços já tenham sido empreendidos por outros pesquisadores, de maneira bastante competente, principalmente por Siqueira (2010), que trata dos classificadores nominais, e Sousa Filho (2007), que fez um estudo morfossintático da língua. Este texto junta-se aos desses autores, com o intuito de, com olhares diversos, chegar à complexa classificação que os Xerente Akwén fazem em seu mundo e que inscrevem na sua língua. A semântica da gramática permitiu-me olhar os inalienáveis a partir dos sujeitos e da posição que ocupam em seu universo: a de nomeadores/designadores dos elementos que fazem parte desse universo (os que estão acima), de como eles se relacionam com esses elementos, de como se colocam em relação a eles e como são importantes na sua visão de mundo. Portanto, homem, cultura, língua, pensamento são inter-constitutivos. Obviamente, neste texto, não pretendo dar conta de

toda a complexidade classificatória Akwén. Todavia, faço uma singela contribuição para a análise de línguas indígenas tendo como foco os inalienáveis na semântica da gramática. Acredito que a classificação apresentada, que discuto nas considerações finais, possa ter importância para a educação escolar indígena. O diagrama a seguir mostra o resultado desta análise.

#### Diagrama dos Inalienáveis em Xerente Akwén



(BRAGGIO, 2011)

Conforme o diagrama, os animais e as plantas, por serem vistos como portadores de vida, partilham da classificação dos Xerente Akwén para os inalienáveis, constituindo, portanto, uma classe semântica gramatical, marcada na forma da língua, sobreposta, em meu ponto de vista, às inúmeras outras classificações dessa língua. Além dessa classe, tanto as plantas como os animais entram em outras subclassificações que levam em conta como são vistos pelos Xerente Akwén do ponto de vista da função, das formas, das cores etc. Como estas subclassificações (ou classificações, dependendo do tipo de estudo), ainda não estão concluídas, considero mais adequado tratá-las em momento posterior. Assim, já que o universo espiritual naturalmente entra nesse diagrama, é possível que com a sua inclusão o diagrama ganhe mais elementos a serem considerados. Logo, trata-se de um diagrama em fase de elaboração.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bastante difícil quando terminamos um texto, seja ele de que gênero for, dizer que estamos fazendo considerações finais. Isto porque,

ao longo da própria escrita de um texto vão surgindo inúmeras questões, que vamos deixando adormecidas (mas não mortas). A retomada, a revisita aos textos é essencial, pois inúmeros olhares poderão adicionar às questões tratadas sempre algo novo, inusitado. Acredito que isso só enriquece os estudos com os povos e línguas indígenas. Portanto, a seguir faço algumas considerações com relação à educação escolar indígena, por acreditar que há uma relação intrínseca entre língua, cultura e a preservação do meio ambiente, onde ambas são geradas. Há alguns anos venho escrevendo vários artigos sobre a instauração e papel/função da escrita entre os Xerente Akwén. Minhas preocupações têm sido muitas. Uma das principais é a de não fazer da língua escrita Xerente Akwén uma simples cópia da escrita da língua portuguesa, deixando de lado, entre outros aspectos, marcadores discursivos que ocorrem nas narrativas orais, a segmentação dentro dos parâmetros da própria língua, a estrutura própria da língua. Com o intuito de abordar a questão da segmentação produzi há alguns anos um material didático discorrendo sobre o assunto. O que me levou a escrevê-lo foi a constatação de que a língua, quando escrita por diversos autores nativos, não era segmentada da mesma forma, ora segmentava-se determinada “palavra” de uma forma, ora de outra. Como esses materiais iriam servir de base para a alfabetização das crianças, a minha preocupação era ter uma escrita igual para todas elas, a fim de que pudessem dominar a escrita de forma a não ter dúvidas de como escrever, pelo menos no que diz respeito à segmentação. Em vista do que eu já vinha observando e com a elaboração deste texto acredito que os elementos inalienáveis relativos a árvores e plantas não devem vir segmentados separadamente. Na escrita Xerente Akwén em uso não se separa o possuidor quando ele vem marcado por um pronome como em: ĩpra (meu pé), ĩkra (meu filho(a)), ĩpkê (meu coração), dakra (filho(a) dele(a)), wazakru (nossa aldeia) etc. Todavia, quando se escreve, por exemplo, “o ovo da galinha” vê-se sika kre. Em consonância com o caráter inalienável apresentado e mantendo o que a semântica da gramática mostra sobre a classificação dos próprios Xerente Akwén e que mantém o raciocínio de classificação daquele povo é mais coerente que não haja uma segmentação entre o possuidor e o possuído. Assim, temos sikakre (ovo da galinha), ktikmôpkê (coração do boi), ktikmökra (filhote (do boi)) etc. A separação entre as palavras vem quando há um possuidor “gente”

ou outro possuidor determinado: Sisdaze sikakre (O ovo (de galinha) do Sisdaze). Em suma, ao não se separar na escrita o possuído de seu possuidor, mantém-se a classificação dos Xerente Akwén reforçando a forma como aquele povo recorta a sua realidade, designa e concebe os elementos que a compõem.

É de fundamental importância que os educadores que trabalham com as diferentes culturas indígenas não obscureçam as classificações nativas ao levar para esses povos as classificações vigentes nas culturas ocidentais, cientificamente elaboradas e já cristalizadas nos livros didáticos. Obviamente, isso deve ser observado não somente para a classificação dos nomes, mas para a matemática, a ciência, as noções de tempo-espaço, enfim para todo um conhecimento que faz sentido para eles e que não deve ser confrontado com o nosso, mas respeitado nos cursos para os professores indígenas e incluído no currículo escolar como saberes únicos de cada grupo indígena. Outra implicação gerada pelo estudo da língua pela semântica da gramática é a da preservação do meio ambiente, já que este estudo assume as relações intrínsecas entre o falante, a língua e a cultura. Língua e cultura se constituem em um dado ambiente situacional, que por sua vez é sociocultural. Se o ambiente muda drasticamente pela construção de uma hidrelétrica, por exemplo, muita biomassa desaparecerá de repente e terá efeito na cultura e na língua. No caso dos Xerente Akwén, com a construção de uma barragem em suas terras, muitos peixes, aves e outros animais, assim como as plantas, desapareceram (estas debaixo da água) afetando não só a cultura material como a imaterial e, portanto, a língua e a sua classificação. Ausentes de um conjunto complexo de entidades, a finíssima classificação nominal vai se esgarçando e acarretando prejuízos irrecuperáveis para a língua e para os sujeitos que por ela são constituídos e a constituem. Terminei este artigo, como o comecei, com uma afirmação de Washington Novaes, em entrevista à Agência Brasil, em que fala sobre o contato de culturas:

É complicado, pois impedir o contato com culturas de fora já é impossível. Mas como preservar, sem pajés, as culturas tradicionais e seus valores políticos e sociais, além do meio ambiente, tão importantes? É uma discussão a que não se pode mais fugir. Faz parte, na verdade, da discussão sobre as estratégias nacionais mais importantes.

ABSTRACT

After many years working with the people and language of the Xerente Akwén, who live in reservations in the State of Tocantins, Brazil, I was always thinking of the intrinsic relationships intertwining their language, culture and society. Recently, I found that through the inalienable properties conceived by that people I could, at least, to deal with those relations. The theoretical tools that allowed me to do that were found in a rethinking of the “Sapir-Whorf Hypothesis”, considered “narrow” and not “broad”, utilized by many linguists working on the subject matter, called ethnosyntax or semantics of grammar. This article aims to describe and discuss the complex inalienable properties as conceived by the Xerente Akwén through the narrow linguistic relativity approach. In doing so I used a specific questionnaire applied to my research assistant Sisdaze Xerente, over 40 years old, and many other materials collected during more than 20 years. The results show the fascinating way the Xerente Akwén consider themselves very much intertwined with animals and plants by giving them almost the same properties of what can be possessed only by an Akwén. My ultimate goal is to contribute to the Akwén people as well as to indigenous languages analyses through the semantics of grammar and to school education.

KEY WORDS: Ethnosyntax, Xerente Akwén, inalienable properties.

---

NOTAS

- 1 Este artigo faz parte do Projeto: *Sociolinguística e Bilinguismo em Xerente Akwén: as relações de marcação de posse, a estrutura de parentesco inscrita na língua e as estratégias de elaboração do tipo loanblend no cérebro mente bilíngue*, financiado pelo CNPq, BPQ 1D, processo 300854/2009-9, inserido no Projeto LIBAS. Agradeço primeiramente ao meu pesquisador auxiliar de vários anos: Bonfim Sisdaze Xerente e sua família e a eles ofereço este artigo. Agradeço também a Rodrigo Mesquita pela colaboração na aplicação do questionário e na diagramação.
- 2 Os artigos e entrevistas de Washington Novaes podem ser encontrados através do Google, colocando-se o nome do autor.
- 3 A língua xerente akwén faz parte da família Jê, de povo do mesmo nome, habitantes das Áreas Indígenas Xerente e Funil, no estado do Tocantins, totalizando 3.200 indivíduos, com os quais trabalho desde 1988.

- 4 O nome próprio foi dado em Português. O falante Xerente não aceitou a palavra em Português indicando que o inalienável não pode ser usado com palavras nessa língua, ou seja, só ao Akwén pertence essa propriedade e usou o nome próprio dado pelos Xerente ao pesquisador auxiliar.
- 5 Cl = classificador
- 6 Dimin = diminutivo
- 7 Os Akwén sabem distinguir e imitar os sons dos animais e interpretar quaisquer rastros.
- 8 Na festa de nomeação dos meninos o som emitido pelo chamador é o da piranha.
- 9 Cada bicho tem seu próprio possuidor, ou seja, cada bicho de fruta tem um nome diferente. Neste artigo usou-se o bicho da manga.
- 10 Já verifiquei que para eles algumas árvores, a água e outros elementos da natureza possuem espíritos. Devo verticalizar posteriormente este tipo de análise.
- 11 Não uso os termos [+animado] e [-animado] por não considerá-los condizentes com o que a cultura akwén revela de seu mundo. A resposta à pergunta por que árvores e animais constituem uma classe portadora de inalienáveis, sempre foi “porque são vivos, têm vida”. Não ignoro a tipologia dos nomes estabelecida por Givón (1990) para os nomes.

#### REFERÊNCIAS

- BOAS, F. Introduction to the Handbook of American Indian Languages. In: BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society*. Cambridge: Whintrop, 1974.
- BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society*. Cambridge: Whintrop, 1974.
- ENFIELD, N. J. (Ed.). *Ethnosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- GIGLIOLI, P. P. (Ed.). *Language and social context*. London: Penguin Books, 1972.
- GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Eds.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- HOIJER, H. The Sapir-Whorf Hypothesis. In: BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society*. Cambridge: Whintrop, 1974.

- HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- NICHOLS, Johana. On alienable and inalienable possession. In: SHIPLEY, William (Org.). *Honor of Mary Haas – From the Haas Festival Conference on Native American Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruiter, 1988. p. 557-609.
- SAPIR, E. *Language*. New York: A Harvest/HBJ Book, 1949.
- SAPIR, E. The unconscious patterning of behavior in society. In: BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society*. Cambridge: Whintrop, 1974.
- SIQUEIRA, K. M. *Os classificadores nominais em Akwẽ Xerente: âmbitos de análise*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2010.
- SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ Xerente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- WHORF, B. L. The relation of habitual thought and behavior to language. In: BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society*. Cambridge: Whintrop, 1974.
- WIERZBICKA, A. *Understanding culture through their key words*. Oxford: Oxford University Press, 1997.